

Hugo Rodas e
mais vividos
lembram Cora

Seresteiros e
poetas pintam
nossos 30 anos

3
PÁGINA

C A D E R N O

BRASÍLIA, DISTRITO FEDERAL

SÁBADO, 21 DE ABRIL DE 1990

7
PÁGINA

cidade cidadã

Através da memória o roteiro
de uma cidade que se recria

RUBENS ARAÚJO

Tudo era poeira, lona e deserto quando o primeiro agrupamento de trabalhadores chegou ao planalto central para construir Brasília. O "x" marcado por Dom Bosco parecia bem visível. Juscelino Kubitschek sonhava acordado e fazia outros tantos brasileiros sonharem também. O país vivia seus apertos econômicos, mas a capital era um ponto de honra para o popular presidente. De 1956 a 1960 a bossa-nova de concreto estava coberta de pó vermelho. E essa história, tão recente, volta a pulsar no Museu Vivo da Memória Candanga, que será inaugurado no dia 26, próxima quinta-feira, dentro da comemoração dos 30 anos da cidade.

A memória candanga é ambulante, afinal, 30 anos de história não é um tempo muito longo. Existem ainda muitos nordestinos que construíram a cidade andando por aí, lembrando do tempo em que o cerrado tomava conta da área. Tempo de pioneiros, de pessoas que acreditaram no sonho de um novo país a partir de uma nova capital. Uma utopia com algum crédito na década de 50. Daí, entre outros motivos, a expressão viva no meio do nome do Museu da Memória Candanga. "Os protagonistas da história de Brasília estão vivos. E eles estão aí para contá-la", reforça Sílvio Cavalcante, diretor do Departamento de Patrimônio Histórico e Artístico do DF.

Esses protagonistas ajudaram a recompor a história de 1956 a 1960, os quatro anos da construção de Brasília, que poderá ser vista no Museu Vivo da Memória Candanga. "O interessante é que, espontaneamente, a comunidade veio trazer material e objetos da época para cá, principalmente os pioneiros que moraram no Núcleo Bandeirante e na Candangolândia, áreas vizinhas ao Museu", conta Sílvio. É o círculo vicioso da memória, quando ela, como em Brasília, é ainda totalmente epidêmica e se confunde com o presente.

HJKO — O Museu Vivo da Memória Candanga faz parte do complexo arquitetônico que foi, há 30 anos, o Hospital Juscelino Kubitschek de Oliveira, o primeiro da capital. O prédio do Museu é, assim, já parte da história. Como uma velha baleia que armazena em seu estômago restos de antigos desejuns. Ver o museu, como uma cédula do complexo HJKO (estrada para o Núcleo Bandeirante, ao lado da Candangolândia) é participar do passado.

O resgate de 30 anos já passados está por completo na restauração do ex-hospital Juscelino Kubitschek de Oliveira, que começou a ser ressuscitado em 1987. De lá para cá, já foram restaurados oito galpões de madeira do que havia sido o hospital. Quatro deles foram transformados em escritórios do Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico, que antes funcionava no Palácio do Buriti. Outros dois passaram a oficinas do Saber Fazer, coordenadas por Beatriz Forthmann, onde são realizados cursos de cerâmica e tapeçaria. O mu-

seu ganhou dois galpões e, no futuro, mais três serão restaurados para a criação de um Centro de Vivência, com restaurante, cinema, teatro e salão de dança.

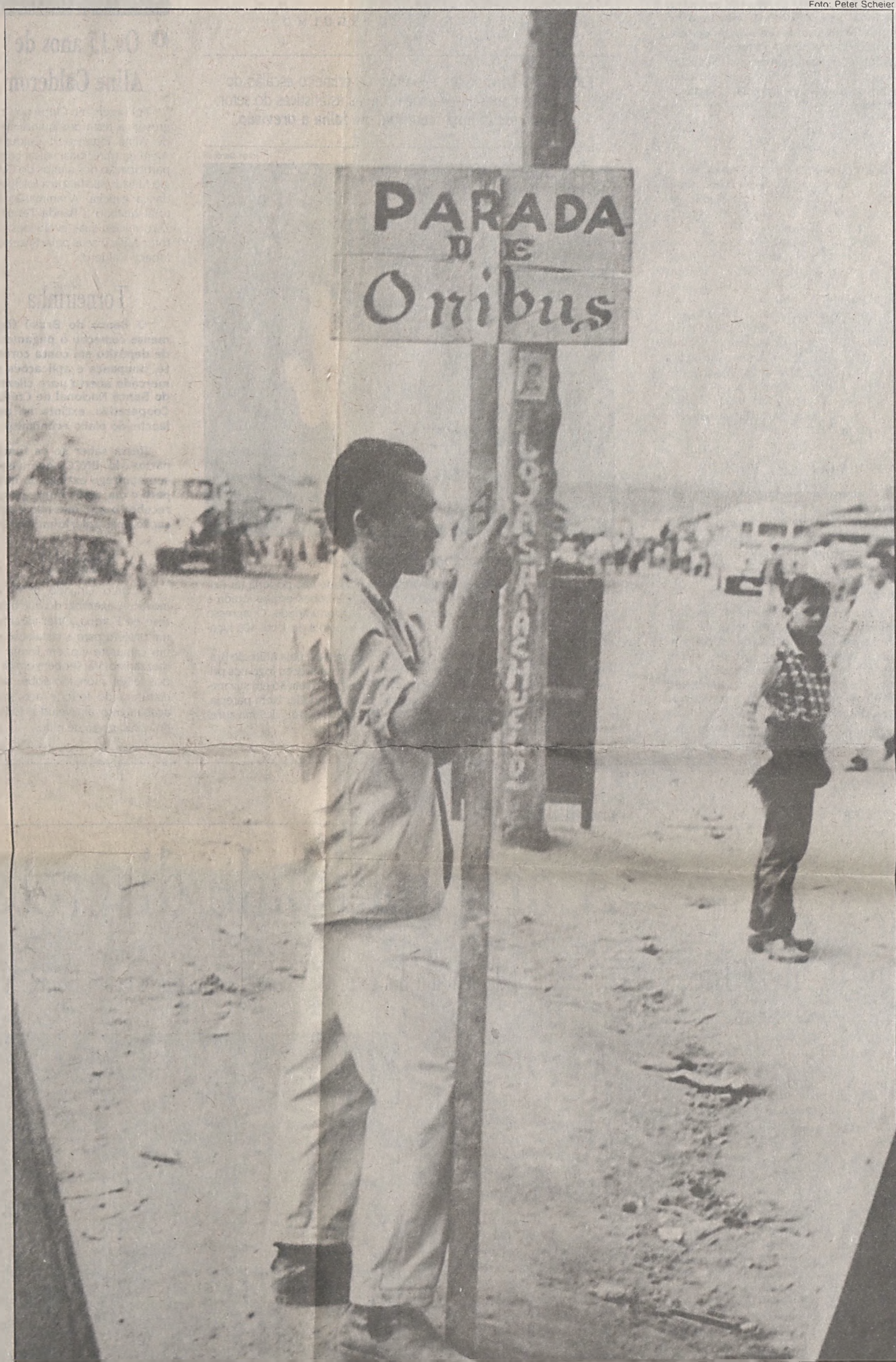
No dia 26, será inaugurado somente o Museu, um dos núcleos mais importantes do conjunto HJKO. Um museu, cuja diretora, Raquel Cavalcante, classifica de "rotativo e não imutável". A exposição que será inaugurada no dia 26, que tem o sintomático nome de *Poeira, Lona e Concreto*, pode ser vista até o final do ano. Ano que vem o Museu terá exposições diferentes, com o resgate de novas fases da história da capital. "A exposição *Poeira, Lona e Concreto* abrange os anos de 1956 a 1960. E tem que ser vista como um primeiro módulo do Museu. Outros períodos vão proporcionar novos módulos, até que cheguemos aos dias de hoje". A idéia, inclusive, com o acúmulo de material, é expandir o prédio.

Mágica — Por enquanto porém, as pessoas vão ter que se contentar com o período de 1956 a 1960, época em que Brasília saiu dos esboços de Niemeyer e Lúcio Costa para ocupar concretamente um pedaço árido do planalto central. Um rico período em que, sem deputados, senadores e burocratas, o cenário foi ocupado por milhares de trabalhadores anônimos. Homens que fizeram a mágica de construir uma cidade em quatro anos. Uma correria que obedecia à ideologia desenvolvimentista de Juscelino Kubitschek, cujo lema era "50 anos em cinco". Mandrake que não tirou um coelho, mais uma cidade da cartola.

Uma parte da exposição *Poeira, Lona e Concreto* é dedicada exatamente ao registro fotográfico daquele período. A maioria das fotos pertencem a Mário Fontenele, o fotógrafo extra-oficial de Brasília, falecido há dois anos atrás. As outras foram capturadas lentamente pelo Departamento de Patrimônio Histórico e Artístico que vem trabalhando intimamente com as comunidades do Núcleo Bandeirante e Candangolândia que, são, ao lado da Vila Planalto, naus da memória repletas de tesouros.

Nas fotografias, o retrato de um cotidiano nada fácil, de trabalho ininterrupto. Aquele pedaço do planalto era como uma babel de sulistas, nordestinos e nordestinos falando, cheio de sotaque, a linguagem do futuro. Homens rústicos montando as linhas modernas de uma arquitetura para sempre, como disse o compositor Caetano Veloso em entrevista recente, experimental. Eles mesmos experimentavam dias de expectativas: eram quatro anos de suor e quase nenhuma diversão para ganhar o paraíso. Casa própria e dinheiro, palavras proibidas de onde vieram.

As fotos mostram além do óbvio, como o presidente Kubitschek e os esqueletos do Palácio do Planalto, do Congresso Nacional e outras marcas registradas de Brasília, homens com martelos, com malas e expressões sérias, compenetrados no sério projeto da construção de uma capital. Homens comendo apertados em longas mesas de madeira, em frente de botecos, ao lado de um projeto de



Com a inauguração do Museu Vivo da História Candanga momentos da Cidade Livre estarão preservados no HJKO do Núcleo

Fãs de uma cidade órfã

TETÊ CATALÃO
Editor-assistente

Nascer de um sonho é bom. Mas é um compromisso: fazer da realidade um sonho ainda mais bonito. Uma cidade sob liturgia dramática. Sonho civil consolidado, por mais contraditório que pareça, pelo poder militar. Contradições diversas, porém uma cidade sensível. A maquete espanta, discrimina pela maquiagem neste jogo simplório de "elites x satélites". O bueiro é mais embaixo, o lixo mais prolixo, surpreende quando demonstra ter vida atrás de tanta embalagem. Um Plano que precisa de muito pouco Piloto, onde a direção possa ser entregue ao verdadeiro autor da autoridade: cada um com seu cada qual. A cidade que descentralizou para o centro. O litoral de costas para o Brasil, não perdoa até hoje. Mesmo que tenhamos aprofundado o endividamento externo. Cidade do agreste, sertanejos de acrílico, acre-líricos, a utopia romântica em busca de uma nação. Pai-

xão reconstituir. Se foi possível fazer uma cidade poderíamos fazer, muito mais. Devolver o respeito ao suor, à festa, à comunhão. Trilhas naturais tão próximas do asfalto. Tatuagem administrativa sobre o mulato inzoneiro. Aos ventos do futuro, diz e tremula o brasão. Uma loba nutriz. Um lobby em cada canto. Rômulo e Remo na mamata explícita. Um Buriti de gafeira sob redoma. Placa de bronze. Toca a carne e o cerne. Irrita, extasia, acalma, angustia, provoca, revida, remõe, desvia, completa, esfria, mente, revela, calunia, desvela nada especial, como qualquer cidade, mas toda especial por estar disposta como palco e vitrine de um poder. Luz vazada sobre a consciência em processo. Uma cidade que... será. Estará sempre pelo vir a... Agora, com os "vandangos" do Sistema Nervoso. Aqueles pariram a estrutura em ferro e aço. Nós deixamos os pedaços para criar a fertilidade de uma alma-cidade que se faz todo dia. Em permanente construção. Em intermináveis 21 de abril. Desatando nós e feita por nós.

placa de ônibus. Pessoas como Francisco Magalhães, presidente da Associação dos Artesãos do Núcleo Bandeirante, que disse ter cuidado seu filho no hospital que virou museu. Ele que foi dono da *General Máquina de Costuras* "o maior negócio do Núcleo Bandeirante", de um hotel e hoje é artesão.

A segunda parte de *Poeira, Lona e Concreto* lembra o próprio hospital Juscelino Kubitschek de Oliveira. Dentro da filosofia do museu, de não mostrar peças isoladas, mas tentar reconstituir um cenário mais íntegro do que foi Brasília há alguns anos atrás, será exposto um consultório completo do antigo hospital. Para a reconstituição foram agrupados uma mesa, uma balança, cadeiras de metal, algumas peças de laboratório e uma pequena geladeira. Cansel, da época em que se usava pinguins sobre ela. Na parede um retrato de Juscelino e outro do primeiro diretor do hospital, Edson Porto, que deverá vir para a inauguração. "Ele estará de branco e dará consultas sobre a história de Brasília e injeções de Memória", brinca Sílvio Cavalcante. O material que estará no Museu

Vivo da Memória Candanga é o único que sobrou da desativação do HJKO, que funcionou de 1957 até 1968. Depois disso, a mobília e material hospitalar foram distribuídos pelo Inamps para outros hospitais do país. Até 1984, o antigo complexo serviu ainda como área habitacional para a população de pioneiros.

A direção do museu reconstituiu também um quarto do *Brasília Palace Hotel*, o primeiro hotel de luxo de Brasília. São camas, penteadeiras, pratos de porcelana, luminárias e uma cadeira de barbeiro e de sapateiro guardadas até hoje pela Novacap, que acaba de ceder um grande material para o Patrimônio Histórico e Artístico. No dia da inauguração, inclusive, o museu vai levar um antigo barbeiro do Núcleo Bandeirante, para fazer a barba de quem quiser. O *Brasília Palace Hotel* se perdeu na história quando incendiou há 20 anos.

A terceira e definitiva parte da exposição do Museu Vivo da Memória Candanga abre espaço para os trabalhos de cerâmica e tecelagem dos alunos que fizeram os cursos do ano passado nas oficinas do Saber Fazer.

Foto: Peter Scheier